

Quem pode ser Maria?

Um conto de Natal



Na escola, eles simplesmente a chamavam de “Muli”, embora seu nome fosse Margot. Ela gostava de ouvir isso. Soava um pouco carinhoso, quase como um apelido. Na sala de aula, ela não se destacava particularmente. Ela se encaixava, do jeito que era, com seus olhos negros, pele morena e cabelos negros e espessos. Muli tinha dentes brancos lindos e, quando ela ria, todos riam com ela – e ela gostava de rir. Ela podia ser engraçada, até mesmo atrevida. Ela gostava de ser diferente dos outros e de se destacar onde quer que fosse. Há muito tempo ela se acostumara a ter muitos olhos voltados para ela quando chegava a um lugar pela primeira vez.

Ela não se importava em não conhecer o pai. Só às vezes, quando estava escuro, ela pensava em como seria se ele estivesse lá para protegê-la, como outros pais protegem seus filhos. Certa vez, ela recortou a foto de um homem de origem africana de uma revista e a pendurou na parede, logo acima da cama. “Você é meu pai”, ela dizia ao homem da foto, “meu pai negro”. Sua mãe não falava muito sobre isso. Na verdade, ela dizia apenas uma frase: “Nós nos amávamos”. E então ela abraçou Muli e a beijou, como se quisesse dizer: “Que bom que você nasceu desse amor”. Muli amava sua mãe e achava que tudo estava bem, e que não havia nada de errado com o amor.

A época do Natal se aproximava. Muli era uma das alunas que sabia recitar muito bem. Um dia, foi anunciado: “Vamos fazer uma peça de Natal. Quem quer participar?” Um grupo inteiro se inscreveu, incluindo Muli. Então, foram distribuídos os papéis: pastores, reis, anjos, taberneiros e todos os outros personagens que aparecem em uma peça de Natal. Mas quem interpretaria Maria? Para esse papel, havia muito o que aprender. Não era uma Maria comum, que embalava seu filho em um manto azul e recebia graciosamente os presentes, mas toda a sua trajetória era retratada na peça. Ela precisa sair de Nazaré, atravessar uma montanha alta, cheia de obstáculos, e, por fim, é assaltada e roubada, chegando a Belém como mendiga. Ela vai de albergue em albergue, procurando e pedindo um lugar para ela e a criança ficarem, até que, à meia-noite, ela pode dar à luz seu filho em um estábulo, entre um boi e um burro.

Muli ficou tão comovida com essa história que se levantou e disse em voz alta: “Eu quero interpretar Maria”. A turma ficou constrangida. Eles hesitaram. “Por que justamente você?”, perguntou uma aluna. Havia outra menina, que tinha cabelos loiros, olhos azuis e um rostinho bonito. Seu nome era Maria. De repente, todos queriam que Maria interpretasse Maria. “Por que não posso interpretar Maria?”, perguntou Muli. “Só desta vez, por favor, deixem-me interpretar o papel.” Silêncio – uma riu por trás da mão, até que outra finalmente se manifestou: “Você é uma criança mestiça. Seu pai é africano. Você não pode interpretar Maria. Maria era branca e bonita. Deus a amava.”

Muli saiu correndo da sala de aula. Ela queria gritar, tamanha era a dor que sentia em algum lugar profundo do seu corpo. Ela correu e correu, pensando apenas em fugir, fugir. Atrás dela, uma amiga gritou: “Muli, espere”. Mas ela apenas correu mais rápido e percebeu que “Muli” não era um apelido carinhoso, mas sim um apelido de escárnio. “Mulus”, pensou ela, “significa mula. Sim, é isso que eu sou”.

Secretamente, Muli aprendeu em casa o papel de Maria e decidiu contar à mãe, na véspera de Natal, a história dessa mulher e seu difícil caminho. Ela ensaiou seu papel repetidamente, orgulhosa como uma rainha e humilde como uma serva, cheia de amor por seu filho. E o estábulo miserável onde ela deu à luz como uma mendiga foi iluminado pelo brilho desse amor.

Chegou o dia da apresentação. Um dia festivo. Professores, alunos e pais se reuniram e aguardavam ansiosos pela peça. Muli estava com sua turma. Em meio a toda a agitação, ninguém havia percebido que Maria ainda não havia chegado, até que recebeu uma ligação. Maria havia caído da bicicleta no caminho e quebrado uma perna. Ela estava no hospital.

“Eu sei fazer esse papel, aprendi para minha mãe”, diz Muli. Ela não conseguiu ir além disso. Não havia dúvida, nesse caso, Maria poderia ter pele escura, por assim dizer, representativamente. Uma delas lembrou-se de ter visto uma vez um crucifixo no qual estava pendurado um homem de pele escura. Cristo também poderia ter sido de pele escura – e Deus, quem disse que ele tem pele clara? Todos falavam ao mesmo tempo – e Deus se tornava cada vez mais humano.

Mas Muli interpretou uma Maria como a pequena cidade nunca tinha visto antes. Forte e apaixonada, movida pelo único desejo de dar à luz a criança, ela segue seu caminho, suporta todas as derrotas e, quando a criança nasce, dança de alegria no estábulo. Muli interpretou o papel de Maria, que amava a Deus, e ao mesmo tempo o papel de sua mãe, que amava um homem de Gana e teve a coragem de dar à luz o filho dele.

Durante uma hora, enquanto durou o jogo, todos os que assistiram acreditaram que um não pode ser separado do outro. As cores, inclusive as cores da pele, dão uma imagem colorida da criação de Deus, desde que nós, seres humanos, não comecemos a julgá-las e classificá-las.

